



**ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

**PHYSIOTHERAPIST ASSISTANCE TO PATIENTS HEARING IMPAIRMENT PEOPLE**

Larissa Bolzani Gabriel<sup>1</sup>, Marina Tzortzato Almeida<sup>2</sup>, Patricia Brandão Amorim<sup>3</sup>

**Submetido em: 01/08/2021**

e28613

**Aprovado em: 09/09/2021**

<https://doi.org/10.47820/recima21.v2i8.613>

**RESUMO**

No ramo da saúde a capacidade de se comunicar e se expressar são imprescindíveis para anamnese, exame físico e identificação dos sintomas do paciente. Por isso, a ação dos profissionais é fundamentada na comunicação e a abordagem ao paciente surdo se torna um desafio, em especial para os fisioterapeutas. Esse estudo teve como objetivo compreender como é realizado o atendimento fisioterápico às pessoas com deficiência auditiva no município de Nanuque, em Minas Gerais, identificando os pontos positivos, as dificuldades e os desafios nessa assistência à saúde no município. Metodologia: A pesquisa classifica-se do tipo exploratória, com o intuito de melhor absorção, entendimento e interação com o objeto de estudo, logo, ampliando conceitos e assim, fazendo com que se eleve a quantidade de informações sobre o tema discutido. A técnica para a coleta de dados foi a pesquisa bibliográfica e o estudo de campo. Com a finalização do estudo, os objetivos e metas propostas na sua introdução foram alcançadas, pois com os resultados obtidos na pesquisa foi possível entender que apesar de 100% dos entrevistados conhecerem a língua brasileira de sinais, 42% afirmaram que esse conhecimento não ajudava durante o atendimento, pois não se tinha a predominância da língua, o que acaba se tornando um desafio ao atendimento desses pacientes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Surdos. Fisioterapia. Língua Brasileira de Sinais

**ABSTRACT**

*In the health field, the ability to communicate and express oneself is essential for anamnesis, physical examination and identification of the patient's symptoms. Therefore, the action of professionals is based on communication and approach to deaf patients becomes a challenge, especially for physical therapists. This study aimed to understand and understand how physical therapy care is provided to people with hearing impairment in the municipality of Nanuque, Minas Gerais, identifying the strengths, difficulties and challenges in this healthcare in the municipality. Methodology: The research is classified as exploratory, with the aim of better absorption, understanding and interaction with the object of study, thus expanding concepts and thus increasing the amount of information on the topic discussed. The technique for data collection was bibliographic research and field study. With the completion of the study, the objectives and goals proposed in its introduction were achieved, because, with the results obtained in the research, it was possible to understand and understand that although 100% of respondents knew the Brazilian sign language, 42% said that this knowledge it did not help during the service because the language was not predominant, which ends up becoming a challenge in the care of these patients.*

**KEYWORDS:** Deaf. Physiotherapy. Brazilian Sign Language

<sup>1</sup> Graduanda em Fisioterapia pela Fundação Educacional de Caratinga e Centro Universitário de Caratinga, Campus de Nanuque - MG.

<sup>2</sup> Graduanda em Fisioterapia pela Fundação Educacional de Caratinga e Centro Universitário de Caratinga, Campus de Nanuque - MG.

<sup>3</sup> Doutora em Saúde Pública pela Universidade Americana - Paraguai. Possui mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade e graduação em Fisioterapia pelo Centro Universitário de Caratinga (2001); Especialização em Autogestão em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz e Fisioterapia Aplicada à Saúde da Mulher pela Universidade Gama Filho. Atualmente é coordenadora do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário de Caratinga, na Unidade de Nanuque/MG e professora titular nos demais cursos da área da saúde. Tem experiência na área de Fisioterapia, com ênfase em Fisioterapia Dermato-funcional e Uroginecologia.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

### INTRODUÇÃO

O indivíduo que convive com a surdez possui um impedimento na captação dos sons da fala, derivando na dificuldade da percepção e distinção fonêmicas que prejudicam a compressão dos significados (PEREIRA, 2014). Essa barreira biológica gera um desenvolvimento linguístico limitado, ocasionando prejuízos ao desenvolvimento cognitivo, social, intelectual e, por vezes, emocional, entendendo o aspecto social como primordial para o desempenho em relação ao meio que o cerca (SKILIAR, 2009).

Porém, os profissionais da saúde e as crianças surdas não devem pensar que tudo está perdido, pois a surdez deverá ser levada como um processo natural do ser humano e nem por isso as pessoas surdas deixarão de compreender e exercer algumas atividades do nosso cotidiano, entre elas, a linguagem, a interação com a comunidade, a identificação com outros grupos de colegas, a cultura, encontros sociais, o atendimento à saúde, etc. (PEREIRA, 2014).

A ferramenta que emerge para propor esse modelo educacional, fundamentado na interação com a comunidade e com os demais colegas, é a educação inclusiva, com o planejamento de uma atmosfera universal para todos os alunos, livre das suas peculiaridades, gerando o desenvolvimento social, cognitivo, mental e afetivo das crianças surdas (STROBEL, 2006). No ramo da saúde a capacidade de se comunicar e se expressar são imprescindíveis para anamnese, exame físico e identificação dos sintomas do paciente, por isso a ação dos profissionais é fundamentada na comunicação e a abordagem ao paciente surdo se torna um desafio, em especial para os fisioterapeutas (CHAVEIRO et al, 2010). Ainda que seja um direito da pessoa portadora de surdez, um atendimento adequado e com qualidade, na maioria das vezes, o profissional da área da saúde não está preparado para abordar e se comunicar com uma pessoa surda (SOUZA; PORROZZI, 2009).

Diante disso, esse estudo tem como finalidade entender como é realizado o atendimento fisioterápico às crianças com deficiência auditiva no município de Nanuque, em Minas Gerais, identificando os pontos positivos, as dificuldades e os desafios nessa assistência à saúde no município. Apesar de ser um dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), o atendimento onde haja profissionais preparados e capacitados para o uso da língua brasileira de sinais, ainda é uma grande dificuldade no Brasil e está longe de ser atingindo. Devido a isto, a língua brasileira de sinais foi reconhecida oficialmente para que assim houvesse uma assistência ao atendimento de forma mais adequada (GROSSI JÚNIOR; SANTOS, 2009).

### A SURDEZ E SUAS PECULIARIDADES

As áreas de saúde e educação estabelecem dois tipos de surdez, o parcialmente surdo (indivíduo com surdez leve e com surdez moderada) e o surdo (indivíduo com surdez severa e profunda). Compreende então que a surdez não é igual em toda a população surda, ou seja, ocorre uma divisão de acordo com a capacidade de percepção do som, sendo que quanto menos a percepção do som, maior o grau de dificuldade na aplicação das metodologias educacionais (MINISTÉRIO DA



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

EDUCAÇÃO, 2006). Em séculos atrás, os surdos foram distinguidos como indivíduos “anormais”, sendo até mesmo sacrificados quando nasciam na Roma antiga, por, segundo eles, tratarem de pessoas com “deficiências físicas”. O cenário da discriminação, racismo e assimilação são as consequências desse pensamento da sociedade, pois o preconceito era evidente nessa época, resultando em diversos prejuízos sociais e educativos aos surdos (SKLIAR, 2009).

O cenário citado acima se prevaleceu durante vários anos, pois somente a partir do século XVI os professores da época apareceram desenvolvendo trabalhos direcionados aos surdos e de estilo independente. Entre esses educadores existiam alguns que direcionavam a comprovar a veracidade da aprendizagem através dos usos de sinais e o alfabeto manual, e em muitos lugares havia professores surdos (STROBEL, 2006). Diante disso, percebe-se o cenário da discriminação, racismo e como consequências desse pensamento na sociedade, pois o preconceito era evidente nessa época, resultando em diversos prejuízos sociais e educativos aos surdos.

Nesse sentido, os familiares e o pediatra devem ficar atentos para que possam identificar o problema de audição já nas primeiras semanas após o nascimento. Entre os sinais estão quando o bebê for exageradamente quieto, não virar a cabeça procurando a origem de algum barulho forte, como gritos, por exemplo, ou continuar chorando, mesmo quando a mãe tente acalmá-lo apenas com a voz (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2000). Após a identificação, com o teste da orelhinha, a principal etapa é dar apoio à família e orientá-la em relação a necessidade do seu filho, aliada é claro, ao trabalho educacional de profissionais que permitirá que a criança adquira qualidades de se comunicar melhor com a sociedade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2000).

No entanto, as pessoas com deficiência auditiva e que convivem com indivíduos surdos não devem pensar como uma patologia e um fator negativo, e sim como um processo natural do ser humano, ligando a surdez à conceitos de atividades e funções exercidas em nosso cotidiano como aprendizagem da língua, interação com a comunidade, identificação com os outros grupos de colegas, cultura, história, tradição, narração de histórias, encontros sociais, luta por seus direitos linguísticos e civis, entre outras coisas (SKLIAR, 2009).

A forma de reconhecer a diferença é reconhecer possibilidades e limites, pois, diante das limitações citadas em parágrafos anteriores, entende-se que ainda que seus restos auditivos, maiores ou menores, ocasionalmente façam alguma diferença, a organização perceptual fundamental daquele que tem uma perda auditiva se dá a partir da visão, e não da audição (BOTELHO, 2015).

### **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

Com a própria necessidade de comunicar com a sociedade, os surdos criaram a língua de sinais, que utiliza as mãos, as expressões faciais, o corpo, o espaço e o movimento. A língua de sinais não é algo universal, ou seja, cada comunidade tem a sua, como no Brasil, onde temos, por exemplo, as línguas utilizadas pelos Índios Urubus-Kaaper nas escolas da Amazônia e Maranhão, chamada de Língua dos Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), e a dos surdos da área brasileiros, nas atividades sociais em que o Português não é exigido, chamada Língua dos Sinais dos Centros Urbanos (BRITO, 1995).



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

No Brasil os surdos utilizam a Língua Brasileira de Sinais, chamada comumente de LIBRAS, sendo a base para a compreensão da leitura e a escrita em português. A LIBRA é o resultado tanto de uma língua de sinais própria quanto da língua gestual francesa, por isso, assemelha-se a outras línguas de sinais da Europa e da América. Apesar de que, a LIBRAS não resume na gestualização da língua portuguesa, e sim uma língua à parte, pois em Portugal utiliza-se uma língua de sinais diferente, chamada de Língua Gestual Portuguesa, a LGP (PEREIRA, 2014).

Os surdos são considerados indivíduos bilíngues, pelo fato de possuírem a capacidade de se expressarem em duas línguas, tanto com a língua de sinais da comunidade do seu país, como a língua oral e cultural ouvinte de sua nacionalidade. O bilinguismo pode ocorrer em diversas situações, sendo (SKILIAR, 2009): Uma segunda língua é aprendida na escola; Emigrantes estrangeiros falam a língua do país hospedeiro; em países nos quais há mais de uma língua oficial; Crianças cujos pais são de diferentes nacionalidades; Pessoas surdas que, além da língua de sinais, utilizam alguma língua oral, na tentativa de se comunicar com a comunidade ouvinte.

De acordo com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei no 9.394, de 20 dezembro de 1996 (BRASIL, 2011) pessoas com deficiência auditiva tem o direito de estar em todas as mobilidades e etapas da educação básica. Em seguida, o decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004, estabelece as Leis de Acessibilidade (10.048/2000 e 10.098/2000), onde possibilita às pessoas surdas o acesso às intérpretes da língua brasileira de sinais.

Atualmente, ao iniciar o processo educativo, os surdos começam em escolas para ouvintes com objetivo político de promover a democracia, porém a maioria dessas escolas não possuem especialistas com experiência na prática de ensino para com os sujeitos surdos favorecendo mais ainda no fracasso educacional, sendo também a forma mais rápida e certa de voltar a chamar o sujeito surdo de “deficiente”. Por mais que no Brasil prevaleça a política da democracia, na educação a maioria das escolas não é democrática, ou seja, a escola democrática seria aquela que se prepara para atender os seus alunos de acordo com as suas peculiaridades, em especial, os surdos (STROBEL, 2006).

O correto seria que as escolas se capacitassem para promoverem aos alunos surdos os conteúdos pela língua de sinais por meio de recursos visuais, entre eles figuras, língua portuguesa escrita e leitura, com objetivo de desenvolver nos alunos a memória visual e o hábito da leitura, e que possam sempre ser apoiados pelo professor especialista e conhecedor da língua de sinais. Outra hipótese seria contar com o auxílio de professores, educadores e monitores surdos, que juntamente com o professor contribuíssem com a língua de sinais nas escolas (STROBEL, 2006). Diante disso, hoje existem no país diversas manifestações por parte da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), de psicólogos, pedagogos e profissionais da área da educação para a criação de escolas e classes bilíngues para surdos, com objetivo de promover a comunicação e o ensino em LIBRAS e em língua portuguesa escrita para os surdos, e também estabelece a criação das escolas bilíngues. O movimento tomou força e vários estados estão aprovando essa medida, como Rondônia e Brasília, porém, não houve ainda a aprovação por parte do governo federal juntamente



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

com Ministério da Educação, tendo como meta a inclusão desse projeto no PNE (Plano Nacional da Educação).

A língua de sinais deve ser iniciada o mais rápido possível para os surdos, ou seja, a partir do momento que constatar a presença da “deficiência auditiva”, pois é por meio desse processo que irão adquirir os conhecimentos necessários. Histórias de décadas atrás relatavam que as crianças surdas que aprendiam LIBRAS ficavam mais preguiçosas e não se esforçavam para falar, no entanto, isso tudo não se tratava apenas de um mito, pois a preguiça é prerrogativa de quem pode escolher, não sendo preguiça porque os surdos não falam, e sim por terem dificuldade (PEREIRA, 2014).

A língua de sinais quando iniciada tarde gera problemas no desenvolvimento cognitivo da pessoa surda, como cita Strobel (2006, pág. 14):

“Aprendia a falar, mas não sabia me comunicar adequadamente, só ficava repetindo as palavras, igual a um papagaio, sem entender seus significados, tudo muito mecânico e sem emoções. Ao ter contato com a comunidade surda, o meu mundo abriu as portas e eu pude explorar e expandir para fora tudo o que estava insuportavelmente sufocado dentro de mim” (STROBEL, 2006, pág. 14).

A família é peça chave no processo educativo dos surdos pelo fato de a aquisição da língua de sinais, pela família, promove o desenvolvimento cognitivo, social, cultural e mental do surdo, pois, ocorre o desenvolvimento intelectual, afetivo e emocional (PEREIRA, 2014).

A língua de sinais é fundamental para o processo educativo dos surdos, pois, além da função comunicativa, expressam também, um suporte linguístico para a estruturação do pensamento, ou seja, são estes meios linguísticos que orientarão o conhecimento do mundo dos indivíduos que eles se servem. Por se tratar de línguas de fácil acesso e naturais, são fundamentais para o preenchimento dessa função cognitiva e de suporte do pensamento (BRITO, 1995). Diante dos fatos, reforça-se a importância da língua de sinais para as crianças com objetivo de adquirir as oportunidades de desenvolvimento humano. (SKLIAR, 2009).

Com isso, a primeira língua será compreendida naturalmente e eficientemente, e esta primeira língua pode ser usada com um suporte ou base no aprendizado da língua falada através da escrita, gerando maiores habilidades de transferência na melhoria de sua capacidade de leitura de lábios na segunda língua ou na língua falada. Estudar a língua da “visão” e alcançar informações através da língua de “visão” acrescentará a oportunidade de compreender a língua falada/escrita e, assim, alcançará a capacidade de extrair mais informações através da escrita, sendo a base da escola, ou seja, obter informações da escrita e utilizar a escrita para analisar e sintetizar essas informações (SKLIAR, 2009).

### **A ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

Independente da profissão na área da saúde, o atendimento ao indivíduo portador de deficiência auditiva é um desafio e gera dificuldades para os profissionais de saúde em virtude da



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

realização de uma comunicação eficaz que possa entender e compreender a real necessidade do paciente (CHAVEIRO et al., 2010).

A dificuldade de ouvir e de falar torna-se uma enorme barreira para o profissional de saúde, em especial, o fisioterapeuta, pois nem sempre esses profissionais dominam a Língua Brasileira de Sinais e às vezes nem conhecem esse tipo de comunicação, por não ter sido apresentado a eles durante o processo de formação acadêmica (CHAVEIRO; BARBOSA, 2005).

Nesse momento, o fisioterapeuta vê a necessidade de elaborar outras formas para realizar a comunicação com esse paciente, como por exemplo, a tentativa de interpretação dos gestos e dos sinais expostos, ou até mesmo pela escrita. Porém com esse tipo de comunicação pode ocorrer falha no entendimento aos cuidados da saúde provocando uma ansiedade tanto no profissional, nesse caso o fisioterapeuta, quanto na pessoa portadora da deficiência auditiva (TEDESCO; JUNGES, 2013).

Entretanto, o hábito do profissional da fisioterapia em elaborar outras formas de comunicação não é eficiente e nem garante uma qualidade no serviço prestado, além de não garantir a inclusão desse paciente ao acesso à saúde de maneira adequada e integral gerando um problema de saúde pública no Brasil (CHAVEIRO; BARBOSA; PORTO, 2008).

Por isso, o domínio da língua brasileira de sinais vistos pelo técnico é uma solução para o atendimento, gerando uma comunicação eficaz e diminuindo o sofrimento desse grupo (SOUZA; MONTENEGRO; SOUZA, 2015). Além disso, uma alternativa que pode ser utilizada pelo fisioterapeuta é a adoção de intérprete da Língua Brasileira de Sinais, pois, com a ajuda desse profissional o mesmo pode realizar um elo de comunicação adequado e eficiente entre o fisioterapeuta e o paciente com surdez (CHAVEIRO; BARBOSA; PORTO, 2008).

Entretanto, os municípios brasileiros, na maioria das vezes, possuem o intérprete de LIBRAS para atuarem no cenário na educação, sendo que esse profissional na área da fisioterapia é pouco difundido no Brasil. Apesar de que, a presença desse profissional às vezes não é o melhor caminho no serviço de fisioterapia, pois o paciente pode se sentir constrangido com a presença de outra pessoa no momento do atendimento, mas caso o profissional não domine a área é melhor a presença do intérprete de LIBRAS (ROCHA et al., 2018).

Enfim, a fisioterapia é um ramo da saúde que tem como finalidade atender o indivíduo de maneira integral e todas as suas necessidades ligadas à profissão, de maneira igualitária, ou seja, respeitando as diferenças e promovendo a inclusão social, por isso, há a necessidade da abordagem desse assunto durante a vida acadêmica dessa profissão (ROCHA et al., 2018).

Porém, o cenário que existe no Brasil inteiro são que os profissionais de fisioterapia, em sua grande maioria, não estão preparados para atender uma paciente com deficiência auditiva em virtude do não conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, principalmente durante a graduação onde tal assunto não é abordado e dado a devida importância, gerando prejuízos diretos na assistência a esse paciente (ROCHA et al., 2018).



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foram abordados 7 profissionais da área de Fisioterapia que atendem no município de Nanuque, tanto na rede pública como na rede privada. O questionário aplicado foi enviado para os profissionais por meio da plataforma Google Forms, que é uma ferramenta de questionário online, que facilita as respostas e promove um melhor meio de comunicação entre os pesquisados, além de não ter necessidade do encontro presencial.

A presente pesquisa se classifica em exploratória, com o intuito de melhor absorção, entendimento e interação com o objeto de estudo, logo, ampliando conceitos e assim, fazer com que se eleve a quantidade de informações sobre o tema discutido.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar quais desses profissionais atendiam pacientes com deficiência auditiva, observou-se que, dos entrevistados, 28% não atendiam pacientes com deficiência auditiva e 72% atendiam, ou seja, dos sete profissionais apenas dois não atendiam. Nesse sentido, evidencia-se que nem todos os pesquisados tem a experiência no atendimento aos pacientes com surdez e que esses atendimentos são um desafio para esses profissionais.

Nessa abordagem verifica o que foi apontado por Chaveiro e Barbosa (2005), que destaca a dificuldade dos profissionais em atender esses pacientes com deficiência auditiva e os desafios que engloba esse tipo de entendimento, por falta de experiência do profissional em atender esse tipo de demanda. Todos os entrevistados conheciam a Língua Brasileira de Sinais, ou seja, dos sete entrevistados, 100% conheciam essa forma de comunicação dos surdos. Entretanto, apesar de conhecer, uma parte não sabia como utilizá-la, fato concluído quando os entrevistados foram questionados sobre como isso ajudou os profissionais na comunicação, onde 42% dos profissionais responderam que esse conhecimento não ajudou em nada na comunicação, uma vez que os profissionais somente conheciam e não dominavam a Língua Brasileira de Sinais.

Chaveiro, Barbosa e Porto (2008), citam a importância dos conhecimentos do fisioterapeuta em conhecer a Língua Brasileira de Sinais, entretanto, somente o conhecimento não é fundamental, é preciso saber usá-la e interpretá-la para estabelecer um elo de comunicação entre o paciente e o profissional, como descreve o autor. Nessa abordagem verifica-se que todos conhecem, mas quase a metade não sabe como utilizá-la trazendo diversos prejuízos a assistência ao paciente.

Todos os profissionais que atendem os pacientes com deficiência auditiva possuem dificuldade para atender esses pacientes na rede de saúde do município de Nanuque, conforme aplicação do questionário. Outro agravante foi que apesar dessa grande dificuldade, 57% dos entrevistados não tiveram nenhuma ajuda para realizar a comunicação com esse paciente, sendo que 42% tiveram algum auxílio nessa comunicação. Essas dificuldades apresentam um problema na saúde pública do município em virtude da desassistência com o paciente com deficiência auditiva, tendo em vista, que é a comunicação o ponto principal para a relação entre paciente e profissional da saúde.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

O autor Rocha et al. (2018) descrevem todas as dificuldades em se ter um elo de comunicação e os diversos prejuízos gerados a saúde pública no Brasil, além disso menciona ainda sobre a figura de uma pessoa para auxiliar nesse processo, que é o intérprete de LIBRAS, entretanto, a presença de outros prejuízos no consultório pode atrapalhar na abordagem do fisioterapeuta, pois o paciente pode se sentir constrangido. Mas Chaveiro, Barbosa e Porto (2008), descrevem que caso o fisioterapeuta não consiga se comunicar com o paciente é necessário algum tipo de auxílio, seja por parte de outro profissional ou por parte de familiares, o que não pode é não existir comunicação alguma.

Abordados em relação aos conhecimentos adquiridos durante a graduação sobre o atendimento ao paciente com deficiência auditiva, onde as respostas indicaram que dos profissionais que atendem a esses pacientes 72% adquiriram algum tipo de conhecimento durante a graduação, já 28% não se recordam de nenhum tipo de conhecimento acerca da abordagem ao paciente com surdez.

Como abordado por Rocha et al (2018) no referencial teórico, a Língua Brasileira de Sinais na maioria das instituições de ensino do Brasil que ministram o Bacharel em Fisioterapia não possui em sua grade curricular a disciplina de LIBRAS, além disso, quando é abordada, essa matéria não tem relevância ou não é dada a importância a um tipo de conhecimento tão necessário.

Questionados quais seriam as propostas deles para o município de Nanuque no atendimento de fisioterapia ao paciente com surdez, observou-se que 90% dos profissionais pesquisados propõem aumento na capacitação desses profissionais na Língua Brasileira de Sinais e no atendimento a esse tipo de cliente após a formação. Apenas 10% propuseram que essa capacitação tenha que partir de profissionais capacitados ainda na graduação, como por exemplo, um curso de libras durante a faculdade.

Durante a abordagem do estudo foram propostas algumas alternativas pelos autores Rocha et al. (2018); Chaveiro, Barbosa, Porto (2008); Chaveiro, Barbosa (2005); Chaveiro et al. (2010), entre elas, a capacitação dos profissionais da fisioterapia sobre a Língua Brasileira de Sinais seja ela na graduação ou após a formação, sendo primordial que o profissional fisioterapeuta obtenha esse conhecimento e possa aplicá-lo durante a abordagem e atendimento ao paciente.

Os resultados aqui apresentados demonstram o cenário e a realidade do atendimento do serviço de fisioterapia no município de Nanuque, além de também propor melhorias e identificar as dificuldades nesse atendimento no município.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalização do estudo, os objetivos e metas propostas na sua introdução foram alcançadas, pois, com os resultados obtidos na pesquisa foi possível entender e compreender como é realizado o atendimento fisioterápico às pessoas com deficiência auditiva no município de Nanuque, em Minas Gerais, identificando os pontos positivos, as dificuldades e os desafios nessa assistência à saúde no município.

Os pontos positivos encontrados no atendimento ao paciente com surdez no município foram o conhecimento acerca da Língua Brasileira de Sinais, onde 100% tinham esse conhecimento, além



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

do conhecimento dessa temática durante o período acadêmico, onde 72% tiveram contato com essa disciplina durante a graduação. Já os pontos negativos do atendimento ao paciente com surdez no município ficaram marcados pela dificuldade do profissional em se comunicar com o paciente, apesar de conhecer a Língua Brasileira de Sinais, a maioria dos entrevistados não domina esse tipo de comunicação e como visto na revisão bibliográfica, a comunicação é a chave principal na relação paciente e profissional de saúde.

Como propostas para a melhoria nesse atendimento ficou a necessidade da capacitação dos profissionais da fisioterapia na abordagem e na assistência ao paciente portador de deficiência auditiva, para que o mesmo domine a Língua Brasileira de Sinais para facilitar a comunicação entre paciente e o fisioterapeuta.

Com o estudo foi possível identificar a realidade no atendimento ao paciente com surdez no município de Nanuque e demonstrar aos leitores todo o contexto que envolve esse atendimento. Fica como proposta apresentar novos estudos nessa área, com abrangência de outros municípios para entender e compreender melhor como isso acontece em outros locais.

### REFERÊNCIAS

BRITO, Lucinda Ferreira. **Língua de sinais**. Belo Horizonte: Feneismg, [20--]. 1-6 p. Disponível em: <http://www.feneismg.org.br/doc/Lingua%20de%20Sinais%20e%20outros.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

BRASIL. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. Brasília: Ministério da Educação 2006. 89 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>. Acesso em: 10 de abr. 2021.

CHAVEIRO, N. *et al.* Atendimento à pessoa surda que utiliza a Língua de Sinais, na perspectiva dos profissionais da saúde. **Cogitare Enferm.**, v. 15, n. 4, p. 639-45, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/20359>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. **Rev Esc Enferm USP**, v. 4, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/3610/361033283007/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A.; PORTO, C. C. Revisión de la bibliografía sobre la atención de los profesionales de salud al paciente sordo. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 578-583, Sept. 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000300023&lng=en&nrm=iso/](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000300023&lng=en&nrm=iso/). Acesso em: 14 abr. 2021.

GROSSI JUNIOR, Santos. Assistência ao surdo por profissionais de saúde não capacitados para o uso da libras: um olhar para as conseqüências. *In.*: **Anais do XIII Congresso Nacional de Fisioterapia de 10 a 14 de outubro de 2017**. Teresina: Faculdade Estácio de Teresina, 2018. Disponível em: <https://portaladm.estacio.br/media/3730761/anais-xiii-conafisio-2018-est%C3%A1cio-teresina.pdf#page=83>. Acesso em: 17 abr. 2021.

PERREIRA, Maria Cecília Carareto; FERREIRA, Júlio Romero. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. *In.*: GOES, Maria Cecília Rafael de; LAPHANE, Adriana Lia Frizman de. (Org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva**. São Paulo: Autores Associados, 2014, p. 21-48.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ASSISTÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA AOS PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
Larissa Bolzani Gabriel, Marina Tzortzato Almeida, Patrícia Brandão Amorim

ROCHA, Maria Rita Martins et al. **A comunicação em libras entre fisioterapeuta e paciente: a perspectiva de estudantes de fisioterapia.** [S. l.: S. n.], 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/a-comunicacao-em-libras-entre-fisioterapeuta-e-paciente--a--perspectiva-de-estudantes-de-fisioterapia>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SOUZA, Porrozzi. Dificuldades na consulta clínica e nutricional de surdosno Brasil: revisão de literatura. **Rev. Pemo**, 2009. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3605/3116>

SKLIAR, Carlos (Org). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos:** Interfaces entre pedagogia e linguística. Porto Alegre: Mediação, 2009. 207 p. 2 v.

STROBEL, Karin Lilian. A Visão Histórica da In(ex)clusão dos surdos nas escolas. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2006. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1645>. Acesso em: 17 abr. 2021.

OLIVEIRA, Y.C.A. de; CELINO, S.D. de Matos; COSTA, G.M.A. Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, n. 1, jan./mar. 2015 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/xnMSZYLXkdcx8z7kFBX3Bpz/?format=html&lang=pt>.